

## HIERARQUIAS DE GÊNERO: UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DOS ASSALTOS AO TURNO DE FALA

Priscylla Pirasol de Carvalho Marchioni<sup>1</sup>  
Taíse Simioni<sup>2</sup>  
Fabiane Simioni<sup>3</sup>  
Vera Lúcia Duarte Ferreira<sup>4</sup>

### RESUMO

Pretende-se verificar nesse trabalho a relação entre assaltos ao turno e as hierarquias de gênero no interior de uma comunidade de prática situada na cidade de Bagé – RS. Para a geração de dados, foram observadas e gravadas em áudio nove reuniões dessa comunidade de prática, e também foi desenvolvido um diário de campo e aplicado um questionário para entender o perfil dos membros. A partir da análise dos dados gerados, foi possível observar uma dominância masculina, bem como uma tentativa de silenciamento das pessoas definidas como mulheres a partir do uso dos assaltos ao turno de fala. Acredita-se, portanto, que haja uma relação entre as hierarquias de gênero (entre mulheres e homens) e estilos conversacionais dos participantes desta comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Assalto ao turno de fala; Questões de gênero; Hierarquias; Comunidade de prática

### ABSTRACT

It is intended to verify in this work the relation between the turn speech assaults with the genders identities and hierarchies' relations in a community of practice located in Bagé-RS. For data generation, it was observed and audio-recorded nine reunions of this community, and it was also developed a field diary and applied a questionnaire to understand the members' profile. From the analysis of the generated data, it was possible to observe a male dominance and an attempt to silencing the female gender as well. Therefore, it is believed that there is a relation between the gender identities and the conversational styles of the participants of this community of practice.

**KEY WORDS:** Speech turn assault; Gender; Hierarchies; Community of practice

<sup>1</sup> Possui graduação em Licenciatura em Letras - Português/Inglês e Respectivas Licenciaturas pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Atualmente é Professora Substituta no Instituto Federal de Rondônia (IFRO) - Campus Cacoal.

<sup>2</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005) e doutorado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Atualmente é Professora Associada na Universidade Federal do Pampa, com atuação no Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa e no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Línguas (Mestrado Profissional)

<sup>3</sup> Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2001), mestra em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004) e doutora em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015). Professora de graduação (Relações Internacionais) e pós-graduação (Mestrado em Direito e Justiça Social) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

<sup>4</sup> Possui graduação em Licenciatura Plena Em Matemática pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (1989) e mestrado em Matemática Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998) e doutorado em Modelagem Computacional (área de concentração Matemática Aplicada e Computação Científica) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto Politécnico (2014). Atualmente é professor adjunto III da Universidade Federal do Pampa /UNIPAMPA

## 1 INTRODUÇÃO

Tendo em vista que os estudos sociolinguísticos preocupam-se com fenômenos linguísticos a partir do social, em contato com demais categorias de análise, o tema deste trabalho são as relações de gênero e as marcas de hierarquias como constituintes das identidades linguísticas dos participantes de uma comunidade de prática situada na cidade de Bagé, na região da campanha do Rio Grande do Sul, a partir das práticas sociais desenvolvidas nesta comunidade. A partir de Santana, Andrade e Freitag (2015), entende-se que as identidades linguísticas não são construídas de forma isolada, mas estão diretamente vinculadas às práticas sociais e às diferentes maneiras como os falantes estão vinculados aos seus interlocutores e às formas de organização social estabelecidas.

A partir disso, o objetivo deste trabalho é apresentar uma análise sociolinguística acerca dos assaltos ao turno de fala identificados na referida comunidade de prática a partir das observações participantes realizadas., como sugerem os estudos de terceira onda dos estudos sociolinguísticos. Aqui, entendem-se os assaltos ao turno de fala como uma violação ao direito de término de turno daquele que está falando, sendo, assim, um tipo de violência verbal. Portanto, o foco deste trabalho é salientar de que forma esses assaltos podem, ou não, evidenciar relações de poder ou dominância motivadas tanto pelas relações entre questões de gênero quanto pelas marcas hierárquicas estabelecidas nesta comunidade de prática. Dessa forma, esse trabalho se inspira e se baseia, principalmente, em Santana, Andrade e Freitag (2015) e Santana (2018), cujos trabalhos visam evidenciar como relações entre questões de gêneros se refletem nos usos linguísticos dos falantes.

Por fim, afirma-se a necessidade e a relevância deste trabalho por entender que a conversação faz parte da maioria, senão de todas as atividades humanas coletivas e, portanto, nos torna suscetíveis a reproduzir, de acordo com as práticas e crenças socialmente estabelecidas,

determinados comportamentos. Este trabalho justifica-se também, e principalmente, por entender que o assalto ao turno é uma prática de violência verbal que acaba por silenciar mulheres em grande escala, nas relações intersubjetivas tanto no âmbito público quanto no âmbito doméstico e familiar.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, será feita uma discussão acerca de gênero nos estudos sociolinguísticos, bem como sobre as três ondas dos estudos sociolinguísticos e o conceito aqui adotado como comunidade de prática. Por fim, serão apresentados os conceitos de turno de fala e assalto ao turno de fala e, por último, será feita uma discussão acerca da relação entre questões de gênero e assalto ao turno de fala.

A abordagem sob a qual se identificam as relações entre gênero e linguagem neste trabalho é a abordagem construcionista, que, segundo Coates (2006), aponta a construção das identidades de gênero como inerente à construção das identidades linguísticas.. Ambas são construídas sócio-historicamente, a partir das relações estabelecidas no cotidiano e nas interações internas às comunidades de práticas às quais os falantes estão vinculados, não sendo, portanto, apenas mais uma característica adicionada ao falante de forma isolada dos demais fatores histórico-sociais. Ainda, Cheshire (1982) também aponta para o gênero como algo construído socialmente na interação com os demais e com os papéis socialmente estabelecidos. Nesse estudo, a autora aponta para uma possível relação de poder exercida pela linguagem, incentivada, possivelmente, pelos papéis de gênero impostos em um grupo.

Eckert (2012) agrupa os estudos sociolinguísticos em três ondas, demarcando, assim, três abordagens que representam formas diferentes de pensar e analisar, metodologicamente, a variação, preocupando-se com os diferentes significados sociais que essas variações expressam. A metodologia utilizada no

presente trabalho afilia-se à terceira onda dos estudos sociolinguísticos, que combina as metodologias dos estudos de primeira e segunda: metodologia quantitativa e estudos etnográficos, porém agora olha-se para as comunidades de prática. Eckert e McConnell-Ginet (2010) adotam a noção de comunidade de prática atribuída a Lave e Wenger (1991). A partir dessa perspectiva, comunidades de prática são caracterizadas como um grupo de pessoas que se reúne por um engajamento social em comum e que, a partir desse engajamento, acabam por compartilhar costumes, crenças, ideais, valores, conhecimentos e, como resultado dessas interações, traços linguísticos em comum. Esse conceito de comunidade de prática nos permite analisar questões de gênero e linguagem nas práticas sociais, pois, segundo as autoras, gênero não pode ser analisado de forma isolada de outros aspectos de identidades sociais, bem como não tem o mesmo mecanismo linguístico em todas as comunidades. Ademais, diferentes manifestações linguísticas produzirão diferentes significados sociais, a depender da comunidade. Sendo assim, a categoria gênero se constitui a partir das relações estabelecidas dentro das comunidades de prática.

O turno de fala, por sua vez, refere-se ao momento de fala que cada falante tem para desenvolver seu tópico conversacional e contribuir para a construção da conversação que, segundo Galembeck e Costa (2009), é o texto criado em conjunto por dois interlocutores ou mais, que, na língua falada, irão se alternar entre os papéis de falante e ouvinte. Este momento é composto tanto pela fala quanto pelas pausas que ocorrem durante a fala ou, ainda, por hesitações do falante (MURRAY, 1985; GALEMBECK; COSTA, 2009). Porém, segundo Tannen (2010), em uma conversação, diferentes falantes podem performar diferentes estilos conversacionais, ou seja, diferentes maneiras de participar de uma conversação, o que pode depender de diversos fatores, ao passo em que o mesmo falante pode performar diferentes estilos a depender da

comunidade de prática, do tópico, do interlocutor, da modalidade conversacional etc.

Segundo essa autora, há dois estilos conversacionais: o de alto envolvimento, no qual o falante se engaja na conversação de forma mais entusiasmada e comprometida com o tópico conversacional; e o de alta consideração, no qual o falante se engaja na conversação de forma contida e comprometida com o direito de término de turno de seu interlocutor. Ainda segundo Galembeck e Costa (2009), há dois tipos de turnos conversacionais: os nucleares e os inseridos. No primeiro, há valor referencial, ou seja, é neste que estão as principais informações do tópico em questão, enquanto o segundo refere-se às pequenas participações do ouvinte durante a fala de quem tem o turno para demonstrar interesse, encorajamento etc. Ambos os tipos de turnos são considerados enunciados necessários na construção da conversação e do tópico conversacional, porém demarcam maneiras diferentes, mas igualmente ativas, de construção da conversação. Por fim, ainda segundo os autores, há duas modalidades conversacionais: assimétrica e simétrica. Na primeira, não há distribuição igualitária dos turnos nucleares, uma vez que apenas um dos interlocutores será responsável tanto pelos turnos quanto pela sua distribuição, como em reuniões ou salas de aula, por exemplo. Na segunda, há uma distribuição igualitária dos turnos, uma vez que os participantes dessa conversação têm autonomia para tomar o turno para si sem a necessidade da mediação de outra pessoa.

Segundo Galembeck e Costa (2009), ao longo de uma conversação, os participantes desenvolvem e aplicam estratégias de troca de falantes para que haja a alternância entre ouvinte/falante e, nesse processo, pode ser que haja tanto a passagem quanto o assalto ao turno. Segundo os autores, o assalto ao turno de fala caracteriza-se por ser o momento em que o ouvinte invade a fala de outra pessoa sem que tenha sido direta ou indiretamente solicitado, sendo, assim, uma violação por parte do ouvinte ao direito de término de turno de quem está

falando. Ainda, o assalto ao turno se caracteriza, também, por acontecer fora de um lugar relevante de transição de turno, que, segundo os autores, é o momento em que o falante começa a dar indícios de que seu turno está chegando ao fim, e pode ser identificado a partir, por exemplo, de pausas prolongadas e repetições de sílabas ou palavras, o que pode indicar que o ouvinte pode tomar o turno para si.

Partindo do pressuposto de que diferentes fenômenos linguísticos produzirão diferentes significados, a depender de aspectos sociais, históricos e culturais, entende-se que também os critérios sob os quais se alicerça o conceito de assalto ao turno de fala dependerão do contexto no qual este fenômeno ocorre. Por exemplo, diferentes autores, como Murata (1994), Tannen (2010) e Murray (1985), descrevem variadas maneiras de se identificar e analisar uma interrupção/assalto ao turno de fala. Murata (1994) aborda as interrupções como cooperativas e/ou intrusivas, ao passo que aquele que interrompe pode tanto buscar colaborar na construção do tópico quanto modificá-lo. Já Tannen (2010) critica estudos que utilizaram a contagem de sílabas sobrepostas pronunciadas até que o turno fosse tomado para determinar se se trata de uma interrupção ou não. Segundo a autora, isolar esse fenômeno dos aspectos sociais presentes em seu acontecimento faz com que não seja possível identificar os significados sociais ali expressos. Por fim, Murray (1985) evidencia que não há uma definição estanque pela qual se delimitar o que é ou não uma interrupção. A percepção de uma interrupção e de sua relevância se dá através, também, da análise do que acontece antes e depois da tomada do turno, como se esta fosse uma violação que impedisse que o falante terminasse seu raciocínio/pontos principais de uma conversação. Também importante a ser considerado é o tempo que o falante teve até ter seu turno tomado por outra pessoa, uma vez que esse também pode ser um julgamento de importância exercido tanto por quem fala quanto por quem tem seu turno assaltado.

A partir disso, busca-se aqui entender como esses fenômenos se relacionam com questões de gênero e recorre-se, principalmente, a West e Zimmerman (2010) e Tannen (2010), que buscaram descrever estudos nos quais o gênero foi abordado como categoria de análise ao identificar momentos de assaltos ao turno de fala e os possíveis significados ao redor destes.

Em seu trabalho, West e Zimmerman (2010) apontam para estudos que evidenciam a dominância masculina ao ser identificado que a maioria dos assaltos ao turno havia sido realizada por homens, no entanto houve a hipótese de que esse comportamento dominante fosse incentivado pelo senso comum de que “mulheres falam demais”, que, além de misógino, ainda confere à fala das mulheres menor valor social, e, por esse motivo, homens “precisavam” interrompê-las para conseguir falar. Essa hipótese é desmistificada quando realizada a contagem das sílabas faladas pelas falantes identificadas como mulheres até o momento da tomada do turno, o que comprovou que essas ocorriam por volta da sílaba 12,1, logo no início da fala, se comparado às sílabas pronunciadas pelos falantes identificados como homens até terem seu turno tomado, o que acontecia por volta da sílaba 25,4. Segundo os autores, esse pode ser um mecanismo de estabelecimento e manutenção de relações baseadas em poder e *status*.

Tannen (2010), por sua vez, afirma que homens tendem a ser mais competitivos em conversas em grupos, não tendo a intenção de colaborar para a construção do tópico conversacional, mas de ser o provedor das informações, aquele que mantém os turnos nucleares. Dessa forma, tendo em vista os estilos conversacionais diferentes de cada falante, a autora reafirma a importância de se levar em consideração a identidade de gênero dos falantes ao analisar uma situação de assalto ao turno, uma vez que, na pesquisa descrita pela autora, homens tendiam a ter um estilo conversacional mais competitivo e mulheres tendiam a ter um estilo conversacional mais cooperativo, revelando, assim, que diferentes interações entre os

interlocutores podem estabelecer diferentes significados no que se refere a relações de poder/dominância. É importante lembrar que essas relações dependerão da comunidade de prática na qual estão sendo estabelecidas e como se dão as relações tanto entre homens, entre homens e mulheres, e entre mulheres. Isso significa que nem sempre o padrão apontado pela autora se repetirá em todas as comunidades de prática.

Inspirado nos estudos aqui descritos e analisados, uma vez identificados os assaltos ao turno de fala, este trabalho pretende analisar quais marcas de hierarquias de gênero são estabelecidas como possíveis motivações para a ocorrência do assalto ao turno. Isso quer dizer: é observado se a posição de gênero dos falantes (pessoas identificadas como mulheres ou como homens) estabelece alguma relação de poder e/ou resistência por parte dos interlocutores envolvidos. E, ainda, se esse padrão se repete em assaltos aos turnos entre falantes do mesmo gênero, expressando assim a presença de relações hierárquicas de gênero nessa comunidade de prática.

### 3 METODOLOGIA

Este trabalho se utiliza de uma abordagem de aproximação etnográfica e pretende-se, nesta seção, fazer um apanhado de estudos sobre tal abordagem, bem como descrever a comunidade de prática observada e apresentar os instrumentos de geração e análise dos dados.

Aqui, entende-se que a abordagem etnográfica não é apenas um método de pesquisa, descontextualizado de teoria e interpretação do pesquisador, mas sim uma forma de ver, entender e interpretar o mundo à nossa volta, descrevendo um sistema de significados a partir de um determinado grupo. Pretende-se, portanto, neste tipo de abordagem, compreender a realidade através de uma perspectiva cultural: usos linguísticos, métodos, estilos de vestuário, alimentação, habitação etc. (LIMA *et al.*, 1996; PEIRANO, 2014).

Eckert (1997) aponta para a importância da abordagem etnográfica em uma pesquisa

sociolinguística ao descrever uma pesquisa em que a variação, bem como seus significados, entre adolescentes não poderia ser alcançada com outras abordagens metodológicas uma vez que, segundo a autora, a observação participante possibilita uma maior confiabilidade dos dados a serem analisados, diferentemente do que aconteceria apenas com as entrevistas sociolinguísticas. Da mesma forma, Fonseca (1999) define o método etnográfico como uma maneira de relacionar a teoria com a prática, preenchendo vazios que podem ficar entre estas, associando significados a partir de sua compreensão conduzida por práticas como, por exemplo, observações participantes e entrevistas com os integrantes de determinada comunidade de prática, a fim de estabelecer este elo.

Por fim, segundo Emerson, Fretz e Shaw (1995), além das observações participantes no interior de uma comunidade, é necessário também que o pesquisador desenvolva o hábito da escrita concomitantemente à observação, na intenção de não perder detalhes que possam vir a preencher significados e garantir, a partir da representação na forma escrita, a confiabilidade do que foi observado. Sendo assim, o hábito de anotar o que se observa se torna uma forma de filtrar as experiências a partir da experiência etnográfica, o que envolve processos de interpretação de fatos. Tal procedimento permite notar alguns aspectos como significativos e outros não, como modo de buscar compreender o que as vivências dos participantes significam para eles mesmos.

A partir desses estudos, afirma-se que as práticas adotadas nesta pesquisa se aproximam do método etnográfico. Busca-se assim reconhecer a cultura, a conduta e os modos pelos quais estas influenciam os processos linguísticos da comunidade sob análise, olhando para o gênero e para as relações hierárquicas estabelecidas a partir das práticas linguísticas em seus acontecimentos reais, com a intenção de observar o que suas vivências e interações dizem sobre os significados de suas expressões.

No que se refere à comunidade de prática na qual foram feitas as observações participantes

para os fins desta pesquisa, trata-se de uma organização não governamental, sem fins lucrativos e sem vínculos religiosos, que tem por objetivo promover soluções sustentáveis para problemáticas locais e mundiais, bem como proporcionar aos seus membros um espaço de formação profissional, humanitária e cidadã com foco na liderança.

Estabelecida na cidade de Bagé há cerca de seis anos, essa comunidade tem como público-alvo jovens estudantes e trabalhadores de 18 a 30 anos. Durante o período das observações, contava com cerca de 30 sócios oficiais. O grupo se reúne semanalmente para discutir pautas e encaminhar decisões acerca dos projetos a serem desenvolvidos na comunidade local.

Segundo o regimento interno dessa comunidade, os membros se organizam em cargos diretivos, sendo eles presidência, vice-presidência, tesouraria e secretaria. Vale evidenciar que, durante o período no qual foram realizadas as observações participantes, apenas uma mulher ocupava um cargo diretivo, sendo este o cargo de secretária. Ainda segundo o regimento, além dos cargos diretivos, todos os membros devem ser direcionados a alguma das comissões internas do grupo, como publicidade, serviços internos, serviços da comunidade etc., e essas comissões também são compostas por um presidente e demais membros. Segundo os membros, esses cargos não representam uma hierarquia dentro do grupo, mas servem para motivar todos os membros a estarem responsáveis por algum trabalho dentro do grupo, o que faz parte de uma formação que se preocupa com a liderança.

Com o intuito de compreender o perfil do grupo, foi aplicado um questionário *on-line* que os participantes responderam anonimamente. A partir disso, foi possível verificar que a comunidade observada é composta por participantes que oscilam entre os 18 e 30 anos de idade, 41,37% se identificam como homens, e 58,62% como mulheres, e a maioria se identifica enquanto branca (84,6%). Além disso, todos os integrantes são alunos de Instituições de Ensino Superior, incluindo públicas e privadas, e apenas

23% dos membros não trabalham. No que diz respeito ao tempo em que estão associados ao clube, este oscila entre um e cinco anos.

No que tange à modalidade conversacional dessa comunidade de prática, trata-se de uma comunidade assimétrica, já que as reuniões eram mediadas pelo presidente, que, além de desenvolver os principais turnos nucleares, também era responsável pela distribuição dos turnos, a depender das pautas a serem discutidas.

Os dados analisados nesta pesquisa foram gerados por uma série de instrumentos. Foram realizadas observações participantes em nove das reuniões abertas realizadas entre o período de agosto a dezembro de 2018. Foi gravado, aproximadamente, um total de 16 horas de áudio das reuniões observadas. Como parte da observação participante, também foi escrito um diário de campo, no qual foram registrados os detalhes que o áudio não seria capaz de registrar, como trocas de olhares, gestos, expressões faciais etc., e que também alimentou a escrita de um diário reflexivo, com o intuito de incentivar um registro crítico descritivo dos acontecimentos para que esses não caíssem no esquecimento e pudessem ser retomados futuramente para fins de análise. E, por último, foi aplicado o questionário socioeconômico com a intenção de melhor organizar os dados dos participantes, tendo em vista gênero, idade, escolaridade, trabalho, cargo dentro do clube e tempo de participação. Dessa forma, este questionário colaborou para a análise e produção de significados dos assaltos ao turno identificados, ajudando a identificar possíveis motivações baseadas em hierarquias internas e sociais, com foco nas posições de gênero dos participantes.

Para os fins desta pesquisa, com base no perfil dessa comunidade de prática e em todas as variáveis acerca dos assaltos ao turno de fala, como a dinamicidade dos diálogos, estilo e modalidades conversacionais, foi considerada como assalto ao turno de fala toda e qualquer fala que interferiu na fala de outra pessoa fora de lugar relevante de transição, que viesse ou não a causar sobreposição de falas. Além disso, e partindo do

pressuposto de que os assaltos ao turno de fala seriam motivados tanto por questões de gênero quanto pelas marcas hierárquicas, foram estabelecidos alguns critérios operacionais básicos com a intenção de entender o que determinadas intervenções poderiam vir a significar a partir da construção das identidades dos falantes no contexto desta comunidade de prática. Dessa forma, foi levado em consideração: quem estava falando e quem tomou seu turno; o que estava sendo dito antes e depois da tomada do turno; quais reações a tomada do turno provocou; e quanto tempo de fala a pessoa cujo turno foi tomado teve até que isso acontecesse. Tanto os critérios para identificar os assaltos quanto para analisá-los foram pensados a partir de Murray (1985), Murata (1994), Oliveira (2000), Galembeck e Costa (2009), Tannen (2010) e West e Zimmerman (2010).

No que se refere aos instrumentos de análise utilizados, essa pesquisa contou tanto com análise quantitativa quanto qualitativa. A primeira, que envolve a organização sistemática de dados numéricos a serem interpretados, valeu-se dos dados gerados tanto a partir dos questionários *on-line* quanto das observações realizadas. Dessa forma, foram utilizadas análises estatísticas descritivas para identificar tanto a variabilidade das identidades de gênero dos participantes envolvidos nas situações de assalto ao turno de fala quanto à variabilidade e a relevância dos cargos dos participantes envolvidos. Quanto às identidades de gênero, foi utilizada a análise gráfica através do *boxplot*, e, com relação à questão dos cargos, foi utilizado o teste de Mann-Whitney. Para este, os cargos foram categorizados da seguinte forma: 5 – presidente; 4 – vice-presidente; 3 – secretária; 2 – tesoureiro; 1 – membros que não possuíam cargos diretivos, e foram estabelecidas duas hipóteses:  $H_0$  – o cargo não tem relevância e  $H_1$  – o cargo tem relevância. Para que seja, então, determinada, ou não, a relevância do cargo, se faz necessário que a hipótese nula seja rejeitada a partir do teste, o que ocorre se o valor *p* de significância estiver abaixo de 0,05.

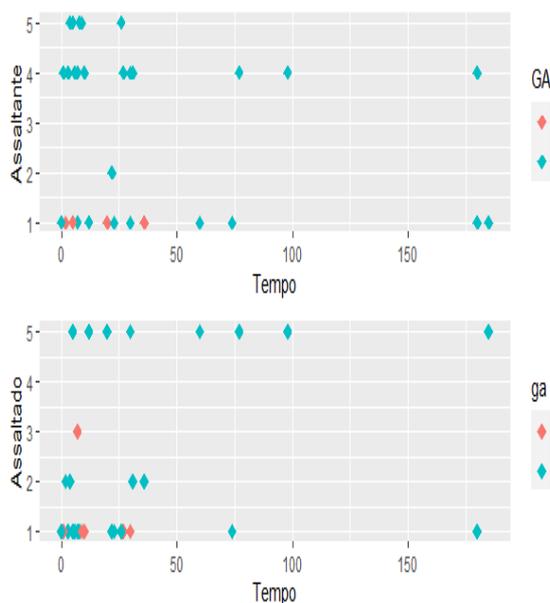
Já no que diz respeito à abordagem qualitativa, esta foi alimentada pelos sentidos gerados a partir das observações, do diário de campo e do diário reflexivo, uma vez que foi analisado quem falava e quem tomou o turno, na intenção de observar as relações entre as posições de gênero e marcas hierárquicas; o que era dito antes e depois da tomada do turno, com a intenção de observar se houve a mudança ou a manutenção dos tópicos; e as reações causadas por essa tomada de turno, que foram categorizadas em “retomou” e “não retomou” o turno. As discussões realizadas a partir desses critérios terão papel de melhor ilustrar os resultados obtidos a partir das análises estatísticas, bem como de possibilitar uma reflexão sobre os significados que podem ser construídos a partir dos resultados numéricos.

#### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Beattie (1981) afirma que a tomada de turno nem sempre deve ser interpretada como algo ruim ou inteiramente negativo, uma vez que, muitas das vezes, esta é inerente à construção de uma conversação. No entanto, o autor afirma também a necessidade de se olhar para os significados que estas podem estar produzindo, uma vez que serão resultados de relações sociais, coletiva e historicamente construídas, mas externadas, também, a partir da linguagem, e podem evidenciar relações de poder, dominância, competitividade, colaboração etc. Nesta perspectiva, buscamos evidenciar quais significados estão sendo (re)produzidos através dos assaltos ao turno de fala identificados na comunidade de prática sob análise.

A partir dos critérios estabelecidos e anteriormente descritos, sob os quais ficou estabelecido que toda e qualquer interferência na fala de outra pessoa, que viesse a acontecer fora de um lugar relevante de transição e que viesse ou não a causar falas sobrepostas, foram identificados 32 assaltos ao turno de fala durante as observações realizadas na comunidade de prática.





Os gráficos que constituem a Figura 2 mostram, mais uma vez, que predomina o gênero masculino tanto entre os assaltados quanto entre os assaltantes. Além disso, destacamos que os assaltos sofridos por mulheres concentram-se à esquerda do gráfico inferior, o que revela que mulheres tiveram pouco tempo de fala antes de terem seu turno assaltado. Já os assaltos sofridos por homens se distribuem mais equilibradamente em relação ao tempo que tiveram de fala antes do assalto. Ainda em relação aos assaltados, levando em consideração seus cargos, percebe-se que, por um lado, o falante detentor do maior cargo (presidente) teve o maior tempo de fala antes do assalto, enquanto o menor tempo de fala se refere a um momento em que um sujeito sem cargo diretivo foi assaltado.

Uma vez identificada a dominância masculina a partir dos assaltos ao turno nessa comunidade, buscou-se identificar quais as possíveis intenções por parte daquele que toma o turno e analisou-se a mudança e/ou permanência dos tópicos conversacionais desenvolvidos antes e depois do assalto. A partir da análise feita acerca dos assaltos ocorridos entre participantes do gênero masculino, foi possível identificar que o que predomina aqui é a mudança do tópico conversacional, uma vez que aquele que assaltava

não tinha comprometimento com o desenvolvimento do tópico conversacional, mas sim com a tomada do turno para si, como é possível observar no excerto 1.

Excerto 1<sup>5</sup>

FM-1<sup>6</sup>: “É da pólio? Eu vi um negócio, em São Paulo, uma campanha da prefeitura de São Paulo [que]...”

FM-2: “[Sério], eu vou muito de zé gotinha”

Já em relação aos assaltos ocorridos entre homens assaltantes e mulheres assaltadas, o que predomina é exatamente o contrário: homens tendiam a dar continuidade ao que as mulheres já estavam falando, sem dar a oportunidade para que elas mesmas desenvolvessem seus tópicos, como é possível perceber a partir do excerto 2. No entanto, nos assaltos ocorridos entre mulheres assaltantes e homens assaltados, não foi possível identificar um padrão, uma vez que as ocorrências são poucas e pareceram tratar-se tanto de uma tentativa de colaboração, que não muda o tópico, como mostra o excerto 3, quanto da mudança deste, como exemplifica o excerto 4.

Excerto 2

FF-1: “é um projeto internacional, deles, não sei se vocês lembram [mas é]”

FM-1: “[é] aquele projeto que eles apresentaram naquele evento”

Excerto 3

FM-1: “Não sei qual valor seria mais acessível pra gente (...) posso ver os orçamentos, ver o que

<sup>5</sup> Seguindo a notação usada por Marega e Jung (2011), os trechos entre colchetes indicam falas sobrepostas em decorrência de um assalto ao turno de fala.

<sup>6</sup> Nos excertos, FM refere-se a um falante do gênero masculino, e FF, a um falante do gênero feminino. Acompanhando a sigla, há um índice numérico que, no interior do excerto, indica quando se trata de um mesmo falante ou quando se trata de falantes diferentes.

*a gente tem em caixa e:”*

*FF-1: “Sabe o que eu te aconselho, na verdade eu posso fazer isso”*

Excerto 4

*FM-1: “Eu acho que a data prejudicou bastante, teve o ENEM no outro dia”*

*FF-1: “Teve gente que se atrasou, né? (risos)”*

Retoma-se, portanto, a discussão feita por Tannen (2010), na qual a autora afirma que só se pode compreender as relações estabelecidas através dos assaltos ao turno de fala se forem analisados os acontecimentos antes e depois destes, bem como os participantes envolvidos nestes, uma vez que cada assalto é resultante de diferentes relações que podem produzir diferentes significados sociais. Assim, foi possível identificar que, independentemente das possíveis intenções daquele que assaltou, houve uma violação de direito de término de turno, uma vez que o assalto impede que aquele que tem o turno consiga dar continuidade e/ou concluir sua fala/raciocínio. Fica evidente que a forma como essa violação ocorre é motivada pelas posições de gênero dos envolvidos.

Já no que se refere à relevância dos cargos dos participantes, o resultado obtido através do teste de Mann-Whitney ( $p = 0,000000715$ ) rejeita a hipótese nula, a qual afirma que o cargo não é relevante, uma vez que seu valor está abaixo de 0,05. Vale pontuar que também foi realizado o teste Shapiro obtendo  $p$ -estatístico de 0,0000041, o que confirma que os dados coletados não possuem distribuição normal. Sendo assim, uma vez rejeitada essa hipótese, aceita-se a relevância do cargo e analisa-se, agora, a variabilidade dos cargos dos participantes envolvidos nos assaltos identificados. Os estimadores estatísticos descritivos de variabilidade apontam para uma variância dos cargos que se aproxima de 2,86 em relação aos participantes que atuaram enquanto assaltantes e de 2,93 em relação aos assaltados. Esses dados sugerem, portanto, que a variância dos cargos é muito parecida nos dois casos, o que pode significar que os cargos presentes nos

assaltos estão igualmente distribuídos. Isso se confirma se retomada a Tabela 1, na qual é possível analisar que há a presença de todos os cargos, com exceção da secretária, na condição de assaltantes, e a presença de todos os cargos, com a exceção do vice-presidente, na condição de assaltado.

Em relação às reações dos participantes ao terem seus turnos assaltados, estas foram categorizadas em “retomou o turno” e “não retomou o turno”, com a intenção de identificar resistência ou desistência em relação ao seu interlocutor.

No que se refere às reações das participantes do gênero feminino e levando em consideração que tiveram seus turnos assaltados apenas por participantes homens, estas demonstraram resistência em relação a seus assaltantes, tendo em vista que todas retomaram seus turnos e deram continuidade aos seus tópicos anteriormente iniciados, demonstrando insatisfação com a violação sofrida e reivindicando seu direito de término de turno de fala, como fica evidente no excerto 05, em que a falante do gênero feminino tem seu turno assaltado duas vezes, em um intervalo de 20 segundos, por dois participantes do gênero masculino.

Excerto 5

*FF-1: “A faculdade fez um, a gente tem um grupo:”*

*FM-1: “De repente a gente vê com eles, o que eles necessitam e aí a gente consegue”*

*FF-1: “Ein, a faculdade [tem]”*

*FM-2: “[Senão] pode ficar em cima da hora”*

*FF-1: “Viu, eu tô falando!”*

Já em relação às reações dos participantes do gênero masculino, foi possível perceber que, quando seus turnos eram tomados por outros homens, houve tanto a disputa pelo turno quanto o abandono deste, o que é evidenciado pelos excertos 6 e 7, respectivamente. No entanto, quando seus turnos eram tomados pelas participantes mulheres, o padrão encontrado foi o

de que a maioria dos participantes retomou seus turnos, como exemplifica o excerto 8.

Excerto 6

FM-1: “Seria legal, na minha opinião, já que vai ser num fim de semana, se a gente fizesse num lugar que a gente ficasse [mais unido porque]”

FM-2: “[Isso seria perfeito], mas é difícil achar um lugar [assim nessa]”

FM-1: “[Tá mas] tem a chácara do INSS, que a gente pode tentar, assim fica todo mundo junto”

Excerto 7

FM-1: “Ele vai ligar lá pra ver... quanto seria o aluguel lá mesmo? Isso, cinquenta reais. Ai...”

FM-2: “Tem o final de semana do dia 27, que é o mais próximo do Halloween.”

FM-3: “Ah, vai ser temático então?”

Excerto 8

FM-1: “Acho que a gente podia, então, quando fosse lá fazer já aproveitar pra ensinar:”

FM-1: “Isso, ia ser bom porque daí a gente [podia]”

FM-1: “[e] enquanto um faz o outro vai explicando”

Essa diferença de comportamento em relação ao gênero dos seus interlocutores pode, entre outras coisas, significar que esse comportamento competitivo entre homens, explicitada pelo alto índice de assalto ao turno entre homens, pode ser tido como algo comum pelos participantes dessa comunidade de prática, porém a mesma naturalização não ocorre quando isso acontece com as interlocutoras mulheres.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo que, pela linguagem, se estabelecem relações de poder e que esse poder pode ser usado para subjugar outras pessoas levando em consideração raça, idade, nacionalidade, profissão, cargo, classe social, aparência etc., entende-se também que o mesmo acontece nas relações de gênero, entre homens,

homens e mulheres, e mulheres, mas, principalmente, mulheres ainda são, muitas vezes, silenciadas por serem mulheres. Pensando nisso, esse trabalho analisou em que medida as marcas hierárquicas de gênero dos participantes enquanto constituintes de suas identidades linguísticas no interior dessa comunidade de prática estariam relacionadas às ocorrências de assalto ao turno de fala. Foram, portanto, analisadas todas as falas bruscas e inesperadas realizadas fora de lugar relevante de transição, resultando, assim, em 32 assaltos ao turno de fala ao longo das nove reuniões observadas.

Observou-se que os homens representaram maioria tanto enquanto assaltantes quanto enquanto assaltados, evidenciando, assim, uma dominância e competitividade entre os participantes identificados como homens. No entanto, vale destacar que essa competitividade masculina está diretamente ligada, também, ao cargo dos participantes, uma vez que, quanto mais alto o cargo, mais tempo de fala até ter seu turno assaltado, enquanto quanto mais baixo o cargo, menos tempo de fala. Isso chama atenção para outro fato: as pessoas identificadas como mulheres dessa comunidade, embora representem mais da metade do grupo, possuem apenas um cargo diretivo dentre os cinco, o que já não lhes atribui privilégios quanto ao cargo. Além disso, nenhuma das mulheres que tiveram seus turnos assaltados chegou a ter nem um terço do tempo de fala que os homens tiveram até terem seus turnos assaltados. Faz sentido, então, pensar em uma cultura de silenciamento das mulheres presente nessa comunidade, uma vez que, ainda que os homens tenham tido maior número de assaltos sofridos em relação às mulheres, ainda tiveram mais tempo de fala até que isso acontecesse.

Esses dados apontam para outro aspecto nessa comunidade de prática: todas as mulheres que tiveram seus turnos assaltados os retomaram logo em seguida, demonstrando insatisfação à violação ao seu direito de término de turno e dando continuidade ao tópico conversacional. Esse dado é muito importante se o pensarmos como uma demonstração de resistência por parte

das participantes acerca da violência verbal sofrida e da reivindicação de seu direito e espaço de fala, uma vez que mulheres são diariamente silenciadas em seus ambientes de trabalho, grupos de amigos, família etc. No entanto, em relação aos homens dessa comunidade, estes tanto retomaram seus turnos quanto o abandonaram, o que pode, entre outras coisas, evidenciar que esse comportamento competitivo entre homens pode ser algo naturalizado nessa comunidade de prática.

Esses resultados apontam, também, para uma discussão acerca dos estilos conversacionais dos participantes dessa comunidade de prática. É possível, portanto, afirmar que os participantes identificados como homens parecem assumir um estilo de alto envolvimento, uma vez que tiveram maior número de ocorrência de assalto ao turno de fala. Já em relação às participantes identificadas como mulheres, pode-se afirmar que parecem assumir um estilo conversacional de alta consideração, uma vez que, além de terem tido um número de ocorrências de assaltos ao turno bastante inferior em relação aos homens, os momentos de passagem de turno foram, predominantemente, consentidos, demonstrando, assim, maior consideração pelo direito ao término de seus interlocutores.

Espera-se, portanto, que a partir deste trabalho seja possível refletir e repensar algumas práticas do cotidiano presentes nessa comunidade de prática. Tais práticas, por mais que pareçam espontâneas e livres de marcas hierárquicas de gênero, estão carregadas de significados sociais que podem fazer parte de uma cultura opressora mantida através de hábitos ligados a práticas de dominação de gênero, como é o caso dos assaltos ao turno de fala. Uma vez que todos os nossos enunciados são políticos e ideológicos, se faz necessário atentar-se para quais sentidos são (re)produzidos a partir das práticas sociais nas quais os sujeitos estão engajados.

## Referências

BEATTIE, G. W. Interruption in conversational interaction, and its relation to the sex and status of the interactants. *Linguistics*, v. 19, p. 15-35, 1981.

CHESHIRE, J. *Variation in an English Dialect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

COATES, J. Gender. In: LAMAS, C; MULLANY, L.; STOKWEEL, P. (Eds.). *The Routledge Companion of Sociolinguistics*. Nova York: Francis & Taylor, 2006. p. 62-68.

ECKERT, P. Why ethnography? In: KOTSINAS, U.; STENSTROM, A.; KARLSSON, A. (Eds.). *Ungdomsspråk i Norden*. Stockholm: Stockholm University, 1997. p. 52-62.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, n. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT; P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Orgs.). *Linguagem, gênero, sexualidade*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 93-107.

EMERSON, R. M.; FRETZ, R. I.; SHAW, L. L. *Writing Ethnographic Fieldnotes*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, p. 58-78, 1999.

GALEMBECK, P. de T.; COSTA, N. S. da. Alternância e participação: a distribuição de turnos na interação simétrica. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3, 2007, Maringá. *Anais [...]* Maringá, 2009. p. 1937-1944.

LAVE, J.; WENGER, E. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LIMA, C. M. G de; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I. de; KAKEHASHI, S. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 4, n. 1, p. 21-30, 1996.

MAREGA, L. M. P.; JUNG, N. M. A. sobreposição de falas na conversa cotidiana: disputa pela palavra? *Veredas*, v. 15, n. 1, p. 321-337, 2011.

MURATA, K. Intrusive or co-operative? A cross-cultural study of interruption. *Journal of Pragmatics*, v. 21, n. 4, p. 385-400, 1994.

MURRAY, S. O. Toward a model of members' methods to recognizing interruptions. *Language in Society*, v. 14, n. 1, p. 31-40, 1985.

OLIVEIRA, M. A participação do interlocutor na construção do tópico conversacional. *Moara*, n. 13, p. 63-73, 2000.

PEIRANO, M. Etnografia não é método.

*Horizontes Antropológicos*, n. 42, p. 377-391, 2014.

SANTANA, R. R. Interrupção/assalto ao turno, o papel do gênero e o efeito cultural. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 18, n. 2, p. 55-74, 2018.

SANTANA, C.; ANDRADE, T.; FREITAG, R. Relações de gênero e formas de tratamento em uma comunidade religiosa. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Orgs.). *Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blücher, 2015. p. 253-266.

TANNEN, D. Quem está interrompendo? Questões de dominação e controle. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Orgs.). *Linguagem, gênero, sexualidade*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 67-92.

WEST, C.; ZIMMERMAN, D. H. Pequenos insultos: interrupções em conversas entre pessoas desconhecidas e de diferentes sexos. In: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. (Orgs.). *Linguagem, gênero, sexualidade*. São Paulo: Parábola, 2010. p. 49-66.

**TABELA 1 – Tabela da Frequência**

Assaltante		Assaltado		Tempo do turno (em segundos)
Gênero	Cargo	Gênero	Cargo	
F	1	M	2	36
M	4	M	1	6
M	4	M	1	3
M	4	F	1	10
M	1	F	1	5
M	4	M	5	98
M	1	M	5	185
M	1	M	5	60
M	4	F	3	7
M	4	F	1	27
M	4	M	2	31
M	5	M	2	4
F	1	M	5	20
M	4	M	5	77
F	1	M	2	2
M	4	F	1	1
M	4	F	1	30
M	1	M	1	180
M	5	M	1	8
M	2	M	1	22
M	1	M	1	7
F	1	M	5	5
M	1	M	5	12
M	1	M	1	74

M	1	M	1	23
M	1	M	1	23
M	5	F	1	9
M	1	M	5	30
M	5	M	1	5
M	5	M	1	26
M	4	M	1	180
M	1	M	1	0